

Olga, a Agente Secreta

Olga, The Secret Agent

Thiago Pacheco

RESUMO

Considerando o impacto da trajetória de Olga Benário Prestes para a História Política do Brasil e, principalmente, sua importância na equipe enviada secretamente ao país em 1935, pretendemos revisitar a biografia desta mulher tendo em perspectiva seu recrutamento, formação e atuação como uma agente secreta. Neste sentido, analisamos a trajetória de Olga a partir dos conceitos relacionados ao campo das chamadas Operações Encobertas, que são missões de caráter secreto com objetivo de desestabilização política, fomento a levantes, propaganda, resgate e/ou eliminação de alvos. Tal análise, pretendemos, salientará um traço desta personagem da História Política Republicana do Brasil e, principalmente, servirá de estudo de caso para o campo da Inteligência no tocante ao recrutamento, formação e emprego de agentes.

PALAVRAS-CHAVE: Olga Benário; Operações Encobertas; Inteligência.

ABSTRACT

Considering the impact of the trajectory of Olga Benário Prestes for the Political History of Brazil and, mainly, her importance in the team secretly sent to the country in 1935, we intend to revisit the biography of this woman in the perspective of her recruitment, training and acting as an agent secret. In this sense, we analyze Olga's trajectory from the concepts related to the field of the so-called Covert Operations, which are secret missions with the objective of political destabilization, fomenting uprisings, propaganda, rescue and/or elimination of targets. This analysis, we intend, will highlight a trait of this character from the Republican Political History of Brazil and, mainly, will serve as a case study for the field of Intelligence regarding of recruitment, training and employment of agents.

KEYWORDS: Olga Benário; Covert Actions; Intelligence.

Olga Benário Prestes é uma personagem conhecida tanto na historiografia brasileira quanto pelo senso comum. Desde jovem era uma militante comunista na Alemanha, atuando em panfletagem, propaganda e até mesmo numa fantástica operação de resgate. Operou por toda Europa e foi treinada na própria União Soviética. Designada pela Internacional Comunista para acompanhar Prestes no Brasil, apaixonou-se pelo capitão brasileiro enquanto este liderava um levante contra Getúlio Vargas. Acabou sendo presa e enviada, grávida, pelas autoridades brasileiras à Alemanha nazista. E terminou seus dias num campo de concentração.

As intensas experiências de vida, o trágico destino desta mulher e sua condição de mártir da esquerda, na tentativa de levante comunista de 1935, fizeram dela uma figura de destaque dentro da História Política do Brasil. Em 2006, um filme foi lançado sobre ela, tendo como base sua biografia extensamente detalhada, de autoria do jornalista Fernando Morais ⁽¹⁹⁸⁶⁾.

Esta detalhada biografia nos traz relatos de larga experiência com militância internacional e de atividades sigilosas, sob comando da URSS. Relatos que nos permitem analisar a personagem por um recorte mais específico, que é seu papel como agente secreta, ou seja, a atuação de Olga Benário em relação a atividades de Espionagem e Operações Secretas.

Neste sentido, pretendemos focalizar, dentro da conhecida biografia de Olga Benário, sua condição de agente secreta, cobrindo os aspectos ideológicos que a fizeram se entregar a estas atividades, sua formação, experiência, treinamento e seu papel no empreendimento de Luís Carlos Prestes contra Vargas em 1935. Tal procedimento não mobilizará nem apresentará dados novos sobre a personagem, mas será uma análise de sua biografia sob a definição conceitual de Operações Encobertas – missões secretas de desestabilização política, fomento a levantes, propaganda, resgate e/ou eliminação de alvos (CEPIK, 2003, pp. 61-64; RADSAN, 2009; WIAN, 2012) – e

das perspectivas psicossociais que levam uma determinada pessoa a se envolver com os serviços de espionagem (CHARNEY e IRVIN, 2014). – dinheiro, coerção, ego e, no caso de Olga, ideologia.

Tal análise, pretendemos, permite uma compreensão prática acerca da aplicação e comportamento humano em atividades secretas, relacionadas ao que chamamos de Inteligência (SHULSKY, 1995, p.26), e também oferecendo outro ponto de vista sobre uma figura de inegável importância na História Política do Brasil. Isto posto, cabe salientar que o artigo não se propõe a criticar ou defender à ideologia de Olga, mas elucidar o emprego da personagem em prol desta ideologia e dos objetivos da antiga União Soviética, emprego este especificamente relacionado à missões de caráter secreto. Da mesma forma, o leitor não encontrará aqui informações biográficas novas sobre Olga Benário, mas sim uma análise de como os conceitos da Espionagem e das Operações Encobertas explicam operacionalmente o recrutamento e as ações dela.

A Demanda Relacionada a Missão de Luís Carlos Prestes

Missões de caráter secreto tem ocorrido no decorrer de toda história¹. Falamos aqui do empreendimento de missões secretas que envolvem propaganda contra o inimigo, sabotagem industrial, científica ou econômica, fomento a insurreições políticas, enfraquecimento de partidos alinhados com o oponente, auxílio a grupos combatentes na forma de apoio logístico, concessão de informações, treinamento e, no limite, sequestro ou assassinato de alvos estratégicos. A estas atividades, chamamos de Operações Encobertas – *Covert*

1 “Most of the techniques, the stratagems, the “dirty tricks” that today we associate with covert action are not new. To the contrary both early Western and East-ern history are rich with examples of these practices. What makes “covert action” a modern concept is not the novelty of the actions but rather the institution-alization of operational responsibilities, the integra-tion of the tools of covert action into broader national security and foreign policy programs, and codification of rules governing its practice” (WIANT, 2012, p.56).

Actions, nos EUA e *Medidas Ativas* na Rússia – sendo postas em prática quando um governo chega à conclusão de que a diplomacia é insuficiente e o uso aberto da força militar pode ser contraproducentes ou arriscado demais (CEPIK, 2003, pp. 61-64; RADSAN, 2009; WIAANT, 2012).

Apesar de sua longevidade, o processo de institucionalização e racionalização destes empreendimentos é recente, datando do período entre guerras e se consolidando durante a Segunda Guerra Mundial. No caso da URSS, estes procedimentos eram postos em prática desde a década de 1920, a partir dos Partidos Comunistas do ocidente. Agremiações comunistas locais faziam propaganda nas fábricas e eram fortalecidas com ajuda soviética nas eleições, auxílio este que, de várias formas, fomentava a militância vermelha (ANDREW, 2001).

Um destes casos foi a tentativa de Luis Carlos Prestes de derrubar Vargas em 1935 por meio de levantes a partir de quartéis, os quais, acreditava o líder comunista, seriam apoiados por greves em fábricas e outros apoios civis. O recurso a golpes por meio de tropas revoltosas fora comum desde os anos 1920, e desde o fim daquela década o PCB nutria a crença de que o Exército era uma instituição popular e democrática, levando o partido a empreender intensa atuação nos quartéis (GOMES *et al*, 2007, pp. 442-447, PRESTES, 2008, pp. 131-144). Ademais, conhecido pela pomposa alcunha de “Cavaleiro da Esperança”, Prestes julgava que seu prestígio nacional, sobretudo entre os militares, garantiria fidelidade em suas empreitadas políticas (PRESTES, 2017, pp 172-175).

Convencidos por estes argumentos e pela larga experiência em combate que Prestes adquiriu na década de 1920, liderando a Coluna que levava seu nome, os dirigentes comunistas estabeleceram que uma equipe experiente de agentes seria necessária para escoltar e auxiliar o revolucionário brasileiro (MORAIS, 1986, p.67,68).

A escolha de agentes destinados a Operações Encobertas como esta é

distinta do recrutamento de espiões ou informantes. Espiões são fornecedores de dados, não conspiradores ou militantes e, se tomarmos o modelo de Pirâmide de Inteligência Humana proposto por Michael Herman (1996, pp. 61-66) estas fontes de informação são recrutadas do topo por agentes infiltrados por um Serviço Secreto, e compostas, em ordem decrescente de importância por políticos dissidentes, agentes cooptados dentre as fileiras inimigas, viajantes, homens de negócios, refugiados, imigrantes e prisioneiros. Ou seja, boa parte dos componentes da rede são colaboradores amadores, não tem – nem devem ter - noção do quadro informacional todo.

Por sua vez, uma Operação Encoberta, cujo objetivo seja assassinato, sabotagem, fomento a guerrilha, “*black propaganda*” ou - no caso de Prestes - apoio direto a uma insurreição, demanda uma equipe menor (em comparação a uma rede de espionagem), entrosada, treinada (preferencialmente com experiência) e dotada de maior noção situacional. Por esta razão, tais missões são cumpridas por a) agentes treinados, preferencialmente com conhecimento acerca da cultura, política e idioma local, b) militares de unidades especiais e/ou c) mercenários, guerrilheiros e grupos paramilitares locais (CEPIK, 2003, pp. 61-64; RADSAN, 2009; WIANZ, 2012), sem que estas categorias sejam necessariamente estanques.

O planejamento da Internacional Comunista para apoiar Prestes não fugiu a este modelo explicativo que ora apresentamos. A equipe posta sob comando do revolucionário brasileiro seria composta por agentes treinados. Eram quatro militantes comunistas com larga experiência: o casal Arthur e Elise Ewert (chamada de *Sabo*), Rodolfo Ghioldi e sua esposa Carmen. Um especialista em radiocomunicações chamado Victor Barron. Um sabotador e especialista em explosivos com histórico de terrorismo internacional chamado Franz Gruber. Uma datilógrafa e motorista chamada Erika, supostamente esposa de Gruber. E um casal belga responsável pelas finanças - Alphonse e Léon-Jules Vallée (MORAIS, 1986, p.67,68). Nenhum membro da equipe era novato.

Mas, como Prestes era tido como um herói na União Soviética e um ativo valioso a Internacional Comunista, julgou-se necessário providenciar-lhe uma segurança pessoal. Este guarda-costas deveria ser confiável, experiente em atividades ilegais, capacitado para combate, e, evidentemente, não chamar a atenção na longa trajetória que, sob disfarces, faria da Europa para enfim desembarcar ao Rio de Janeiro.

Foi assim que a Internacional Comunista chegou à Olga Benário.

A Escolha de Olga Benário

Olga era uma figura em ascensão na hierarquia comunista internacional dos anos 1930. Filha de um respeitável advogado, criada no conforto burguês de Munique, na Alemanha, se afiliou a um grupo de jovens comunistas em 1923. Oito anos depois, ao chegar à União Soviética, Olga já havia se envolvido em confrontos corporais contra milícias nazistas, passeatas, panfletagem e reuniões clandestinas. Devido a boa educação que recebera, conhecia a literatura marxista e até lecionou para a Juventude Comunista numa cervejaria em Neuköllin. A competência, devoção e lealdade nestas atividades já eram suficientes para consolidar o status de Olga entre os comunistas da Alemanha e mesmo de outras partes do mundo. Mas o arrojado resgate de Otto Braun, importante membro do Partido Comunista Alemão e também seu namorado, coroou a jovem como uma estrela da Juventude Comunista. Braun foi retirado da prisão de Moabit por Olga e outros indivíduos armados (MORAIS, 1986, pp; 1-37).

Após esta intensa atuação na Juventude Comunista alemã, Olga rumou para a União Soviética. Lá, descobriu que gozava de excelente reputação entre a liderança do *Comintern* e entre jovens comunistas do mundo inteiro, que ouviram de seus feitos na Alemanha. Além de poder se aprofundar na teoria marxista-leninista, seu status de militante competente e incansável lhe garantiu

missões em Paris, onde coordenou a militância comunista francesa e conseguiu manter-se a salvo da repressão policial local. Fugindo para Londres, fez o mesmo na Inglaterra, até ser trazida de volta para a União Soviética e ter acesso a uma antiga reivindicação sua: ser submetida a treinamento paramilitar (MORAIS, 1986, pp; 39-46).

De fato, quando ainda militava na Alemanha, Olga insistia com a veemência típica de sua personalidade que os comunistas deveriam preparar-se para ações revolucionárias violentas e também para o confronto direto com o nazismo, cada vez maior e mais feroz em sua terra natal. Ela mesma ansiava por este treinamento e por se envolver em combate direto. Foi assim que Olga aprendeu o manejo de pistolas, fuzis, metralhadoras e explosivos. Em seguida, foi matriculada numa escola especial da Força Aérea Soviética, destinada justamente ao treinamento de jovens comunistas que não eram militares. Lá, complementou sua formação aprendendo paraquedismo e pilotagem de aviões (MORAIS, 1986, pp; 39-46)

Ao fim desta fase de sua vida, Olga era uma moça de 26 anos que falava quatro idiomas, viajara clandestinamente por boa parte da Europa, cavalgava, saltava de paraquedas, pilotava aviões e manejava variados tipos de armas de fogo. Esta descrição a coloca como agente ideal para Operações Encobertas: no campo da Inteligência, estes combatentes que sabem atuar em sigilo costumam ser chamados de *Knuckle Draggers* - “gorilas” ou “brutamontes” - pelo pessoal técnico que domina tecnologia, idiomas análise e processamento de dados. Estes, por sua vez, são chamados de *weenies* - “fracotes” pelo pessoal de combate (CEPIK, 2003, p. 64). Para além das provocações mútuas, estas chocarrices expõem duas atividades distintas relacionadas à Inteligência, que são a ação direta em território hostil, contrapondo-se ao processamento e análise de informações, efetuados intelectualmente atrás dos protegidos muros da Agência.

Consideradas estas definições e descontados os valores pejorativos dos

termos, Olga se enquadra como uma *Knuckle Dragger*, ou seja, um agente de campo treinado inclusive para combate e confronto irregular. Na missão que veio cumprir no Brasil, não se tratava de uma informante ou analista de dados – embora tanto sua formação quanto a experiência que obteve em Munique, Berlim, Paris e Londres permitissem que fosse empregada desta forma. Aqui é oportuno salientar também que ela foi o oposto do insistente clichê midiático da espiã sedutora e fatal (WHITE, 2007, pp.35-39). Não que este clichê seja desprovido de um fundo histórico concreto, pois os próprios russos chegaram a criar as *swallows*, moças bonitas treinadas para seduzir, investigar e chantagear (WEST, 2009, p.287). Mas definitivamente não foi este o caso de Olga Benário. Sua biografia, que ressalta uma beleza que chamava atenção dos rapazes e provocava ciúmes em namorados, também indica consciente e deliberada falta de vaidade, rispidez no trato, andar desengonçado e hostilidade ao padrão de feminilidade burguês de sua época (MORAIS, 1986, pp; 1-46). Ou seja, Olga não apenas carecia dos atributos de uma *femme fatale* espiã como nunca se importou em desenvolvê-las, esforçando-se no ideal comunista pelo seu intelecto, paixão, integridade e disponibilidade para o confronto físico. Esta atitude de Olga perante a vida encontrou espaço e pôde ser desenvolvida numa União Soviética progressista em relação às ocupações femininas, onde mulheres dirigiam institutos, serviam às Forças Armadas e até mesmo pilotavam aviões.

Por outro lado, o treinamento e experiência de Olga não explicam tudo. Podendo trazer recrutas dos Partidos Comunistas de boa parte do mundo e dispondo tanto de escolas técnicas como paramilitares, não faltavam *Knuckle Dragers* entre as fileiras comunistas que fossem capacitados para escoltar Prestes. Não bastaria a experiência da clandestinidade, a desenvoltura quanto a ações secretas e as avançadas capacidades de combate para selecionar o responsável pela segurança de um ativo valioso, num país distante e culturalmente diferente da União Soviética. É razoável inferir que este guarda-costas deveria ser alguém que inspirasse confiança ao *Comintern*.

Do outro lado da moeda, considerando a exortação de Marc Bloch (2002, p.54) para que averiguemos “as necessidades secretas do coração”, cabe questionar as razões pelas quais uma pessoa aceitaria rumar para um país de língua e cultura radicalmente distintas, a fim de proteger um líder revolucionário com sua própria vida se preciso fosse. Esta motivação pode ser compreendida dentro do campo da Inteligência pelo acrônimo MICE.

Segundo David Charney e John Irvin (2014), a questão do “por que espionar” impõe-se mesmo para aqueles que contam anos de experiência em comunidades de Inteligência. Outros autores, como Henry Crumpton (2013), também perseguiram esta resposta, que estaria representada no acrônimo MICE: money, ideology, compromise/coercion, ego - dinheiro, ideologia, compromisso/coerção e ego. Crumpton, ao escrever sobre métodos de recrutamento de sua época na CIA, narra uma experiência para cada um destes exemplos de espionagem por dinheiro, ideologia, concessões/coerção e ego. Já Michael Herman (1996), que alerta para o fato de que os motivos para a espionagem são “tão variados quanto a natureza humana”, também menciona os fatores da ideologia, do pagamento em dinheiro ou favores, da frustração ou inadequação pessoal e até mesmo a satisfação em sentir-se importante por meio deste tipo de trabalho (HERMAN, 1996, P. 63, 64). Charney e Irvin, que abordam detalhadamente o acrônimo MICE, ainda incluem a questão da vingança/ressentimento contra um país, grupo ou mesmo indivíduo.

O acrônimo diz respeito às motivações dos homens e mulheres que se prestam para o trabalho de espionagem. Contudo, considerando que os referenciais teórico-metodológicos devem servir à capacidade explicativa e não o contrário, eles podem ser ajustados conforme a realidade, conquanto tenhamos bases sólidas para fazê-lo (BARROS, 2011, p. 237, 243-245). Neste caso, consideramos que ao menos o “MI” do MICE pode ser aplicado aos indivíduos envolvidos em Operações Encobertas, na medida em que mercenários se prestam a estas atividades em troca de dinheiro, enquanto

guerrilheiros, revolucionários e *partizans* nelas se envolvem por suas devoções ideológicas, sem falar em militares que partem nestas missões pelo patriotismo ou senso de dever.

Neste sentido, os dados biográficos acerca de Olga Benário não deixam dúvidas de que a ideologia era seu fator de motivação. Era revoltada desde menininha com as desigualdades sociais, enveredou por escolha própria na Juventude Comunista mesmo tendo sido criada no conforto de um lar burguês, sempre colocou os interesses do Partido Comunista como norte de sua vida e fazia da filosofia marxista sua própria filosofia de vida, a ponto de surpreender até mesmo seus colegas militantes (MORAIS, 1986, pp; 1-37). Como se verá nos desdobramentos e no desfecho da missão, os recrutadores do *Comintern* não poderiam ter feito escolha mais acertada, tanto quanto as capacidades, quanto ao fervor ideológico daquela mulher.

Assim, considerando todos estes dados da biografia de Olga Benário, as razões para sua seleção como responsável pela segurança pessoal de Luis Carlos Prestes foram: a lealdade integral, a paixão pela causa, o impecável histórico de militância em ambientes hostis, a experiência com o sigilo demandado pela atuação tida como subversiva e o treinamento paramilitar. A estas características se somaram ao fato de que, sendo mulher, poderia viajar ao lado de Prestes e protegê-lo com maior discrição. Um casal de estrangeiros, como marido e mulher, levantava muito menos suspeitas do, por exemplo, que uma dupla de estrangeiros homens viajando pela Europa nos tensos anos 1930 (MORAIS, 1986, pp; 53-65).

A Missão de Olga Benário e seus Desdobramentos

O tortuoso itinerário passava por Helsinque, Estocolmo, Copenhague, Amsterdã, Paris, Bruxelas e Nova Iorque. Tais escalas funcionaram, assim como o disfarce adotado, ainda que Olga se sentisse desconfortável nos trajés

elegantes e com as caras joias de sua personagem (MORAIS, 1986, pp; 53-65).

Ela e seu protegido chegaram clandestinamente ao Brasil em abril de 1935. Desde março, a Aliança Nacional Libertadora – ANL - tomava as ruas e crescia em adesão. Prestes já havia sido declarado presidente de honra desde aquele mês mas, ainda assim, preferiu manter sua presença no Brasil um segredo. Tal postura permaneceu até julho, quando a ANL recrudescia sua atuação política, sendo a Aliança lançada na ilegalidade após a leitura de um manifesto de Prestes que propunha a derrubada do governo e exigindo "todo o poder à ANL". Vargas decretou a Lei de Segurança Nacional e passou a perseguir os aliancistas (GOMES *et al*, 2007, pp.441-448).

Contudo, com a Aliança na ilegalidade e a vigência da Lei de Segurança Nacional, Prestes colocava em prática o plano de derrubada do governo junto ao Partido Comunista. O plano envolvia levantes a partir dos quartéis e a consequente participação popular na luta após o início dos primeiros combates, demonstrando a ingenuidade de Prestes em hiperestimar seu alto prestígio no Exército e entre a população (GOMES *et al*, 2007, pp.441-448).

Aqui falamos da chamada “Intentona Comunista”, assunto já bem explorado pela historiografia brasileira e acerca do qual não iremos nos ocupar neste artigo. O ponto central de nossa análise é como as autoridades brasileiras, auxiliadas pelo MI-6 e pelo FBI, lidaram com a questão, e o desempenho de Olga neste processo todo. Desde a chegada dela e de Prestes, em abril, até a tentativa insurrecional comunista de novembro, Olga permaneceu como guarda-costas de Prestes e elemento de destaque no grupo de militantes comunistas enviados para assessorá-lo. Os recursos e o assentamento para a missão eram profissionais: o casal, perfeitamente disfarçado de turistas portugueses (havia um considerável volume de turistas e imigrantes europeus na Zona Sul do Rio de Janeiro), se mantinha em discrição numa casa em Ipanema. A residência estava equipada com telefone, arquivos e um cofre cujo segredo estaria protegido por explosivos, além de poderoso sistema de alarme.

Nas reuniões, Olga atuava como tradutora e colaborava com seu conhecimento político, inclusive desconfiando da competência de Miranda - líder do Partido Comunista do Brasil – bem como dos exageros dos informes que chegavam à equipe de Prestes. Em sua residência, Victor Barron instalara um poderoso rádio transmissor por meio do qual podia estabelecer comunicações com todo o Brasil, Buenos Aires e até mesmo Moscou (MORAIS, 1986, p.78-100). Prestes permanecia protegido por Olga – armada de uma pistola - e era desconhecido do governo seu paradeiro.

Porém, do lado das autoridades brasileiras, a Delegacia Especial de Segurança Polícia e Social – DESPS - órgão policial brasileiro encarregado da segurança interna e de operações de espionagem (PACHECO, 2019) - tinha plena noção dos planos e dos recursos disponíveis. Isto se devia a um agente duplo infiltrado na equipe de Prestes: Franz Gruber. Na verdade, seu nome era Johnny de Graaf, e se trata de uma figura significativa da História de Espionagem, que conta com sua própria biografia (ROSE e GORDON, 2010). Ele era alemão e tinha larga experiência em militância internacional comunista, mas trabalhava também para o MI-6 (MORAIS, 1986, p.112-113). A agência britânica repassou as informações para a DESPS, que, após o fracasso da insurreição de Prestes, efetuou uma verdadeira varredura na cidade do Rio de Janeiro a fim de capturar os agentes vermelhos. Quanto aos explosivos do tal cofre no refúgio de Prestes, estes nunca explodiram, pois não passavam de um engodo de Johnny de Graaf, que jamais instalara de fato os artefatos. Após uma batida na casa, os preciosos arquivos de Prestes e uma considerável soma em dinheiro caíram nas mãos da DESPS (ROSE e GORDON, 2010, pp. 256-281). Presos um a um, os membros da equipe soviética foram barbaramente torturados na cadeia. E, na “disputa pelo segredo”, que é a definição que Abraham Shulsky (1995, p.26) dá ao conceito de Inteligência, o MI-6 venceu este *round* contra a Internacional Comunista.

Derrotado o movimento, as investigações policiais prosseguiram com

discricionarieidade ilimitada e municiadas de práticas de tortura. Conforme e as prisões se avolumavam, *Sabo* e Arthur Ewert foram presos diante dos olhos de Olga, que imediatamente tirou Prestes do apartamento em Ipanema e foi com ele procurar outro esconderijo. O casal então se dirigiu para um novo refúgio, localizado no subúrbio do Rio, mais especificamente no bairro do Méier (MORAIS, 1986, p.105-107, 121, 122).

Dada as circunstâncias, a segurança de Prestes, missão precípua de Olga, estava cada vez mais ameaçada. Inclusive porque as próprias investigações policiais já haviam detectado Olga, até então desconhecida das autoridades brasileiras. Olga não contava com nenhum recurso além de sua experiência subversiva para cumprir a missão de proteger Prestes, que estava sob busca incessante do governo brasileiro. Ao se descobrir que eles estariam em algum lugar do Méier, policiais literalmente bateram de casa em casa pelo bairro. Sua captura era questão de tempo, e de fato se deu quando policiais fardados e armados com fuzis finalmente deram batida na residência onde o casal estava refugiado. Evidentemente, Olga não podia enfrentar sozinha toda a polícia do Rio de Janeiro, mas lançou-se à frente de um dos policiais quando ele iria disparar contra Prestes. “Não atirem! Ele está desarmado!” exigiu em alta voz (MORAIS, 1986, p.105-107, 121, 122). Tal atitude extrema, se não poupou a ele nem a ela de serem capturados, demonstra a entrega ideológica – o “I” do acrônimo MICE – com a qual Olga cumpria a sua missão².

2 “An ideology is simply a shared set of beliefs about how the world is or ought to be. Psychiatrist and author Steven Pinker writes, “An ideology cannot be identified with a part of the brain or even with a whole brain, because it is distributed across the brains of many people.” Since it represents a shared belief system, an ideology is adopted by an individual to the degree that it reflects the individual’s ego. In that sense, an ideology is like another motivation - money - in that it serves as a vehicle for the individual to express a personal value or belief; an ideology is chosen in order to confirm conscious or unconscious beliefs the individual has already internalized. In the case of espionage, a particular ideology may serve as either the actual motivation for a spy to breach the trust placed in them or simply as a means of rationalizing that behavior. The so-called Cambridge Five⁸ were likely “true believers” whose motivation for working with the Soviets against their native United Kingdom was based largely (but not exclusively) in a

Em síntese, a falha do levante e o trágico fim de toda a equipe se deu pelo desconhecimento acerca da realidade política e social do Brasil e por visões descabidas dos líderes brasileiros, que julgaram poder contar com apoio dos operários, do Exército e até da Marinha. Inicialmente cética em relação ao sucesso da empreitada, o *Comintern* foi convencido pela reputação do alcunhado “Cavaleiro da Esperança” e pela hiperbólica capacidade revolucionária apresentada pelo Partido Comunista Brasileiro. Nem o primeiro foi capaz de arregimentar o Exército a seu favor, nem o segundo de fomentar as massas contra Vargas. Ademais, o MI-6 conseguiu significativa vitória no campo da Inteligência ao infiltrar Johnny de Graaf na equipe de Prestes. Contudo, Olga, não dispunha da visão ampla situacional para tomada de decisões, porque nem a coleta de dados para a Operação, nem a análise do conhecimento produzido relacionado ao contexto (ápice das fases da Atividade de Inteligência, ANTUNES, 2002: p.30, 31) cabiam a ela. Olga, como uma agente treinada, apenas seguia ordens de líderes que julgaram, erroneamente, que a operação poderia dar suporte a um movimento revolucionário bem sucedido. E o fez movida pela mais potente das motivações que podem mover um agente: por crença ideológica inarredável.

Punição e Criminalização Política

Preso por infringir a Lei de Segurança Nacional de 1935 como co-participante do levante comunista, Olga foi encaminhada para a Casa de Detenção. Lá, aguardando julgamento, descobriu estar grávida de Prestes, com quem mantinha um romance desde a viagem da Europa (MORAIS, 1986, p.169-188). Neste ponto, sua missão de garantir a segurança do então marido havia fracassado, como ele também foi custodiado pelas autoridades brasileiras.

utopian belief in Communist ideology (CHARNEY e IRVING, 2014).

Quanto a Olga, a condição da personagem como agente secreta prossegue em perspectiva criminal, diante das leis e dos tribunais brasileiros, deixando de ser operacional e passando a ser criminológica. Neste caso, falamos de crime político, entendendo aqui crime político como toda prática que atenta a contra o Estado e a ordem vigente, relacionando-se com a segurança externa ou interna (FRAGOSO, 1980, p. 34). A Lei de Segurança Nacional de 1935³ previa:

Art. 1º Tentar directamente e por facto, mudar, por meios violentos, a Constituição da Republica, no todo ou em parte, ou a forma de governo por ella estabelecida.

Pena - Reclusão por 6 a 10 annos aos cabeças e por 5 n 8 aos co-réos.⁴

(...)

Art. 10. Incitar militares, inclusive os que pertencerem a policias, a desobedecer á lei ou a infringir de qualquer fórmula a disciplina, a rebellar-se ou desertar⁵.

(...)

Art. 14. Incitar directamente o odio entre as classes sociaes.

3 <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-38-4-abril-1935-397878-republicacao-77367-pl.html>, acesso em 10 de Abril de 2022, 17:47.

4 Sobre isso ainda há um agravante no Art. 4º, totalmente relacionado às atividades de Olga Benário no Brasil: “Será punido com as mesmas penas dos artigos anteriores, menos a terça parte, em cada um dos grãos, aquelle que, para a realização de qualquer dos crimes definidos nos mesmos artigos, praticar algum destes actos: alliciar ou articular pessoas; organizar planos e plantas de execução; apparelhar meios ou recursos para esta; formar juntas ou commissões para direcção, articulação ou realização daquelles planos; installar ou fazer funcionar clandestinamente estações radio-transmissoras ou receptoras; dar ou transmittir, por qualquer meio, ordens ou instrucções para a execução do crime.”

5 Igualmente relacionado às atividades de Olga Benário: (...) Nas mesmas penas incorrerá quem: a) distribuir ou procurar distribuir entre soldados e marinheiros quaesquer papeis, impressos, manuscritos, dactylographados, mimeographados ou gravados, em que se contenha incitamento directo á indisciplina; b) introduzir em qualquer estabelecimento militar, ou vaso de guerra, ou nelles procurar introduzir semelhantes papeis; c) affixal-os, apregoal-os, ou vendel-os nas immediações de estabelecimentos de character militar ou de logar em que os soldados se reunam, se exercitem ou manobrem. a) distribuir ou procurar distribuir entre soldados e marinheiros quaesquer papeis, impressos, manuscritos, dactylographados, mimeographados ou gravados, em que se contenha incitamento directo á indisciplina; b) introduzir em qualquer estabelecimento militar, ou vaso de guerra, ou nelles procurar introduzir semelhantes papeis; c) affixal-os, apregoal-os, ou vendel-os nas immediações de estabelecimentos de character militar ou de logar em que os soldados se reunam, se exercitem ou manobrem.

Pena - De 6 meses a 2 anos de prisão celular.
Art. 15. Instigar as classes sociais à luta pela violência.
Pena - De 6 meses a 2 anos de prisão celular.

Pois bem, a discussão acerca da validade dos atos de Olga é um debate político que extrapola por completo as pretensões do artigo. O que nos importa para esta análise é que a missão de Olga envolveu atividades indubitavelmente tipificáveis nos artigos supracitados. Assim, Olga foi presa e classificada como “estrangeira perniciosa à ordem pública”, determinando-se sua expulsão do país. Não obstante, o crime e sua tipificação não são elementos dados, mas sim construídos política e socialmente. Noutros termos, o processo de criminalização nada mais é do que um status negativo atribuído pelos órgãos que tem o poder de fazê-lo (BARATTA, 2003, pp119-129). Neste sentido, a condição de “estrangeira perniciosa à ordem pública” e sua punição foram concedidos pelos tribunais brasileiros dotados de autoridade para fazê-lo: neste caso, fizeram conforme as normas vigentes. Mas, por alinhamento político ao projeto autoritário de Vargas, que naquele momento não escondia simpatias aos regimes fascistas europeus (CANCELI, 1994, pp.87-92), estes mesmos tribunais ignoraram por completo tanto a própria legislação brasileira no tocante a prisioneiras grávidas – e neste caso, grávida de um cidadão brasileiro – como questões humanitárias básicas, ao negar o pedido de *habeas corpus* e deportarem uma judia grávida para a Alemanha nazista (MUNIZ, 2011).

Todas estas questões – e quaisquer outras que o leitor versado em estudos jurídicos ou criminais sugira - demandam análises específicas dentro da História do Direito. Estão, portanto, além dos objetivos deste artigo, que trata de um estudo de caso envolvendo Espionagem e Operações Encobertas. A guisa de fechamento da trajetória de Olga enquanto agente secreta, acreditamos que basta descrever – ou lembrar, posto que são fatos conhecidos da historiografia e do senso comum – que ela permaneceu protegendo Prestes até ele ser preso, foi capturada no cumprimento da missão que lhe foi atribuída pelo governo

soviético e, grávida de um brasileiro, teve negado tanto o tratamento médico adequado quanto seu *habeas corpus*. Extraditada para a Alemanha, lá foi executada em 1942 no campo de extermínio de Bernburg (MORAIS, 1986, p.187-283).

Sobre o Discutido

Do que foi exposto, a biografia de Olga Benário, rica em detalhes, nos permitiu observar os requisitos, recrutamento e emprego de uma agente secreta, num contexto de recrudescimento, instabilidade e desconfiança, que foi a década de 1930. A equipe foi formada por militantes experientes, parte deles, latino-americanos e próximos ao contexto brasileiro. Ainda assim, a Internacional Comunista considerou que Prestes deveria contar com um responsável exclusivo pela sua segurança, e que esta figura não necessariamente deveria ser local.

Neste sentido, três fatores levaram à escolha de Olga: 1) sua comprovada lealdade ao projeto comunista da URSS, 2) uma larga experiência com atividades clandestinas na Alemanha, França e Inglaterra, e 3) Treinamento no manejo de armas, combate, guerrilha, pilotagem e paraquedismo. Sua falta de familiaridade com o Brasil era balanceada, no entender dos recrutadores, pela credibilidade de seus ideais, pela sua experiência com atividades secretas e pela sua capacidade para conflito irregular. Da viagem pela Europa ao Brasil até o fim do levante, Olga se manteve fiel à missão e garantiu a segurança de Luis Carlos Prestes, e embora eles tenham se apaixonado no decorrer da viagem, é pouco provável que esta tenha sido a razão de seu empenho, se considerarmos a dedicação com a qual Olga cumpria com suas tarefas na Internacional Comunista até sua derradeira missão.

Quanto ao fracasso do levante comunista, nada tem a ver com as capacidades de Olga. Foram equívocos de Prestes, do PCB e da Internacional

Comunista, em sua incapacidade de perceber o exagero dos prognósticos e a total falta de apoio para insurreição, somados ao trabalho sabotagem por parte de Johnny de Graaf e do MI-6. Olga não planejou a operação – somente a parte relativa ao disfarce e segurança de Prestes -, desconhecia o quadro geral e, ainda assim, eventualmente desconfiava dos dados fornecidos pelo PCB que estavam disponíveis a ela.

Considerando que a missão de Olga era proteger Prestes, ela a cumpriu com êxito até onde lhe foi possível, mesmo demandando segredo em meio a um país que lhe era culturalmente estranho e cujo idioma falava com atroz sotaque. Ainda em relação ao cumprimento da missão, o fervor ideológico da agente levou-a a se lançar diante de um fuzil para proteger Prestes. Aqui a questão da paixão envolvida se acentua sem poder ser desconsiderada, mas, ainda assim, atos de coragem, movidos pela ideologia, não são raros na biografia da personagem mesmo antes de conhecer Prestes.

A guisa de conclusão, a trajetória de Olga Benário demonstra uma agente experiente, bem treinada e com total compromisso ideológico, levado até o fim de seus dias. Uma combinação de perfil psicológico, experiência e habilidades úteis em missões secretas, nem sempre encontrada pelas Agências de Inteligência. E cujo resultado foi o cumprimento da missão até onde não foi mais possível humanamente cumpri-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREW, Christopher. **The Sword and the Shield: the Mitrokhin archive**. Basic Books: New York, 2001.

ANTUNES, Priscila C. B. **SNI&Abin: uma leitura dos serviços secretos brasileiros ao longo do século XX**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História 1 – Princípios e conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da História e o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: 2002.

CAMARA DOS DEPUTADOS. **Lei de Segurança Nacional de 1935**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-38-4-abril-1935-397878-republicacao-77367-pl.html>, acesso em 10 de Abril de 2022, 17:47.

CANCELLI, Elizabeth. **O mundo da violência: a polícia na Era Vargas**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

CEPIK, Marco A. C. **Espionagem e democracia**. Rio de Janeiro: FGV. 2003.

CHARNEY, David L.; IRVIN, John A. **A Guide to the Psychology of Espionage**. AFIO's Intelligencer Journal, 2014.

CRUMPTON, Henry A. **A Arte da Inteligência: os bastidores e segredos da CIA e do FBI**. Barueri: Novo Século, 2013.

FRAGOSO, Heleno. **Terrorismo e Criminalidade Política**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1981.

HERMAN, Michael. **Intelligence power in peace and war**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

GOMES, Ângela de Castro, et tal. **História Geral da Civilização Brasileira (Tomo III O Brasil Republicano): Sociedade e Política (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

MORAIS, Fernando. **Olga: a vida de Olga Benário Prestes, judia comunista entregue a Hitler pelo governo Vargas**. São Paulo: Alfa e Ômega, 1986.

MUNIZ, Veyzon Campos. **O caso Olga Benario Prestes: um estudo crítico sobre o habeas corpus nº 26.155/1936**. Direito & Justiça v. 37, n. 1, p. 36-60, jan./jun. 2011.

PACHECO, Thiago da Silva. 2019. **“Trabalhando Para Vargas: Agentes Secretos, Espiões E Delatores No Estado Novo”**. Locus: Revista De História 25 (1):107-31.

PRESTES, Anita Leocadia. **Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora : os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35)**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. **Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro**. São Paulo: Boitempo, 2017.

RADSAN, A. John. **An Overt Turn on Covert Action**. Saint Louis University Law Journal: 2009, Vol. 53: No. 2.

ROSE, R.S. e GORDON, D.S. **Johnny – A vida do espião que delatou a rebelião comunista de 1935**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SHULSKY, Abram. **What is Intelligence? Secrets and competition among states**. In: GODSON, Roy; SCHMITT, G.; MAY, E. **US Intelligence at the crossroads: agendas for reform**. New York: Brassey's, 1995.p.26.

WEST, Nigel. **The A to Z of Sexpionage**. The Scarecrow Press, Inc: Plymouth, 2009.

WIANT, Jon A. **A Guide to the Teaching About Covert Action**. Journal of U.S. Intelligence Studies, 2012, Volume 19, Number 2.

WHITE, Rosie. **Violent Femmes: Women as spies in popular culture**. New York: Routledge, 2007.

Recebido em Maio de 2022.

Aprovado em Junho de 2022.